



A ESTRUTURA IMAGINÁRIA DA DERROTA NO ESPORTE

Resumo - A derrota está para o esporte como a sombra social que paira sobre aquilo que é refutado em um mundo produtivista como a tristeza, a depressão, o recolhimento, a quietude, o silêncio e outras formas de subjetivação que fogem ao frenesi. Como prática discursiva, a derrota é acompanhada de adjetivações que remetem ao que deve ser refutado, impedido ou mesmo negado, uma vez que nenhum atleta treina e compete com a intenção de perder. Na estrutura do esporte contemporâneo observa-se a reprodução do modelo liberal que privilegia a vitória. Isso leva muitas vezes o ganhador da medalha de prata e de bronze a se sentir derrotado, negando um feito digno de registro histórico. Os desdobramentos da derrota não são suficientemente estudados, o que contribui para uma atitude de negação em relação a essa situação tanto por parte de atletas como de profissionais que atuam no universo esportivo. Por outro lado, certas dimensões do imaginário coletivo referentes ao conteúdo do esporte, ou seja, produções compartilhadas socialmente, tendem a relacionar o atleta e a figura espetacular do herói. O objetivo deste trabalho é apresentar uma discussão sobre o imaginário da derrota no esporte contemporâneo, bem como apresentar algumas categorias que classificam resultados adversos, buscando assim contribuir para a compreensão desse fenômeno complexo.

Palavras-chave: derrota; competição; psicologia do esporte; esporte e cultura.

THE IMAGINARY STRUCTURE OF DEFEAT IN SPORT

Abstract - Defeat is for sport like the social shadow that hangs over what is refuted in a productivist world such as sadness, depression, withdrawal, stillness, silence and other forms of subjectivation that escape frenzy. As a discursive practice, defeat is accompanied by adjectives that refer to what must be refuted, prevented or even denied, since no athlete trains and competes with the intention of losing. In the structure of contemporary sport, the reproduction of the liberal model that favors victory can be observed. This often leads the silver and bronze medal winner to feel defeated, denying a feat worthy of historical record. The ramifications of defeat are not sufficiently studied, which contributes to an attitude of denial in relation to this situation on the part of both athletes and professionals who work in the sports universe. On the other hand, certain dimensions of the collective imagination referring to the content of sport, that is, socially shared productions, tend to relate the athlete and the spectacular figure of the hero. The objective of this work is to present a discussion about the imaginary of defeat in contemporary sport, as well as to present some categories that classify adverse outcomes, thus seeking to contribute to the understanding of this complex phenomenon.

Keywords: defeat; competition; sport psychology; sport and culture.

LA ESTRUCTURA IMAGINARIA DE LA DERROTA EN EL DEPORTE

Resumen - La derrota es para el deporte como la sombra social que se cierne sobre lo refutado en un mundo productivista como la tristeza, la depresión, el retraimiento, la quietud, el silencio y otras formas de subjetivación que escapan al frenesí. Como práctica discursiva, la derrota se acompaña de adjetivos que hacen referencia a lo que debe ser refutado, impedido o incluso negado, ya que ningún atleta entrena y compete con la intención de perder. En la estructura del deporte contemporáneo se puede observar la reproducción del modelo liberal que favorece la victoria. Esto a menudo lleva al ganador de la medalla de plata y bronce a sentirse derrotado, negando una hazaña digna de un registro histórico. Las ramificaciones de la derrota no están suficientemente estudiadas, lo que contribuye a una actitud de negación frente a esta situación tanto por parte de los deportistas como de los profesionales que se desempeñan en el universo deportivo. Por otro lado, ciertas dimensiones del imaginario colectivo referidas al contenido del deporte, es decir, producciones socialmente compartidas, tienden a relacionar al atleta y la figura espectacular del héroe. El objetivo de este trabajo es presentar una discusión sobre el imaginario de la derrota en el deporte contemporáneo, así como presentar algunas categorías que clasifican los resultados adversos, buscando así contribuir a la comprensión de este complejo fenómeno.

Palabras-clave: derrota; competencia; psicología del deporte; deporte y cultura.

Katia Rubio

katrubio@usp.br

Faculdade de Educação

Universidade de São
Paulo, Brasil

[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v7.id166](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v7.id166)

Recebido: 13 dez 2022

Aceito: 31 dez 2022

Publicado: 14 jan 2023

Introdução

O esporte como conhecido no mundo contemporâneo é produto de uma sociedade pautada em valores associados diretamente a resultados mensuráveis a partir de categorias que valorizam o vencedor, aqueles que se destacam por habilidades acima da média, por potência cognitiva ou ainda por outras formas de competência que afirmam o mérito como valor máximo do produtivismo. Não é de causar espanto, portanto, que na narrativa acadêmica sobre o esporte o tema da vitória, da busca do resultado, da colocação no pódio seja predominante nos estudos das ciências humanas do esporte.

A vitória, o recorde, as distinções são posições ‘iluminadas’ por diferentes meios de comunicação, responsáveis diretos pela circulação de um imaginário diurno¹ que mobiliza a produção imagética do esporte conhecido como de alto rendimento. Do imaginário esportivo, associado proximamente ao lema olímpico *altius, citius, fortius* - mais alto, mais rápido e mais forte, brotam expectativas relacionadas a seres ideais, quase perfeitos, capazes de protagonizar feitos fora de série, a saber os atletas. Daí, a afirmação de um fenômeno sociocultural de abrangência global fértil para a manifestação de narrativas míticas heroicas consoantes à trajetória do atleta, a dimensão imaginária diurna².

Em trabalho anterior³ foi possível observar como a agonística, valor fundante da competição esportiva, representada na superação dos limites do atleta que permite a transcendência da finitude por meio da conquista de uma marca até então inalcançável, se relaciona com a valorização da vitória, renegando a derrota como uma possibilidade do competir. E assim, cada competição, da iniciação esportiva aos Jogos Olímpicos, distanciou-se mais e mais da *areté** das práticas atléticas, onde, em tese, o esporte

*Excelência e virtude são as expressões mais utilizadas para traduzir para o português aquilo que os gregos entendiam por *areté*. Outros significados como valentia, prestígio, valor, hombridade, respeito também podem representar a *areté*, a depender da circunstância e do momento histórico em que a palavra é empregada, uma vez que, para os gregos, se colocava em primeiro lugar uma capacidade, uma força nata. Um equivalente latino para a palavra grega *areté* seria o vocábulo *virtus*, que igualmente, indicaria valor e hombridade. Para Homero a *areté* se relacionava com o perfil tradicional do herói épico, combatente e de boa oratória. Era entendida até então, a *areté* como uma condição própria da nobreza, vinculada ao poder e à superioridade. Entre essas características participavam a destreza e a força. Observe que a *areté* ainda não possuía todo aquele conceito relacionado à virtude moral. Era apenas o fator que diferenciava aqueles que eram nobres do “resto”. Daí surge a ligação entre o mito do herói e a dita *areté* esportiva, que se encontra atrelada ao espírito olímpico competitivo e respeitoso do atleta vencedor da Grécia Antiga, principalmente durante os Jogos Olímpicos da Idade Antiga, onde tais atividades eram realizadas em homenagem aos deuses e aos heróis, e cujos vencedores ganhavam a impressão de seus nomes nos estádios, isenção de impostos, escravos e reconhecimento social. Na atualidade a *areté* no campo esportivo pode ser compreendida como parte da ética esportiva, incluindo aqui o *fair play*⁶.

moderno se inspirou. Ritualizadas, as práticas atléticas tinham por finalidade expor homens aos limites de seus corpos e de suas habilidades. Vale lembrar que as mulheres estavam excluídas dessas atividades destinadas apenas aos varões, cidadãos, que participavam da vida política da polis. Na sociedade helênica onde a competição de habilidades físicas fazia parte de celebrações aos imortais, a busca pela vitória não estava fundamentada na derrota do adversário e sim na superação dos próprios limites. A performance pública na busca da perfeição física e técnica do atleta tinha como finalidade a experimentação de uma condição divina, a afirmação da permanência^{3,4,5,6}. A vitória sobre o adversário era uma decorrência desse processo e não a finalidade da competição.

Considerando que as práticas esportivas contemporâneas são distintas das atividades atléticas do passado, é possível afirmar que o esporte moderno segue proximamente as condutas de uma sociedade competitiva, pautada na produção cujo princípio é a acumulação e a exploração por parte de quem detém os meios de produção. Consequência imediata dessa prática cultural de movimento pautada na especialização - o esporte em suas diferentes disciplinas e níveis de performance - é associar a primeira colocação, o topo do pódio ou ainda mais o recorde, que é o ápice da perfeição de um gesto motor, como o objeto de desejo de todo o sistema que gravita no entorno daquela única pessoa capaz de chegar a isso: o atleta. Nesse sentido, a razão de ser de uma prática pautada na agonística, na busca dos limites de um corpo falível cuja fronteira é a própria humanidade, desloca-se da superação das impossibilidades pessoais para a luta contra quem coloca em risco a possibilidade de realização de um objetivo nem sempre pautado no próprio desejo, mas na necessidade de um sistema organizado e constituído para obter vantagens com um resultado positivo.

A condição implícita nessa discussão recai sobre aquilo que acontece com todos os demais atletas que não alcançam o melhor resultado. Relegados aos degraus menos nobres do pódio, ou pior ainda, distante da possibilidade de usufruir das luzes que iluminam quem neles sobe, aos derrotados restam as sombras da ignorância e do esquecimento, afinal, a derrota é o contraponto de realizações não menos dignas de registro e análise.

A derrota está para o esporte como a sombra de uma sociedade fundamentada na mania que se contrapõe à depressão. Isso porque, considerado anti-producente e contagiante sentimentos como a tristeza, a depressão, o recolhimento, a quietude, o

silêncio e outras formas de subjetivação que fogem ao frenesi precisam ser negadas ou mesmo apagadas. Como prática discursiva, a derrota é acompanhada de adjetivações que remetem àquilo que deve ser refutado, impedido ou mesmo negado, uma vez que nenhum atleta treina e compete com a intenção de perder. Some-se ao foco pessoal de quem busca por um resultado favorável, o desejo coletivo de torcedores, patrocinadores e grupos identitários em torno de quem compete⁷⁻¹⁰.

Fundamentado na teoria das estruturas antropológicas do imaginário e nas narrativas biográficas de atletas olímpicos este trabalho tem como objetivo discutir as diferentes dimensões da derrota no esporte contemporâneo, bem como apresentar algumas categorias que classificam resultados adversos.

As diferentes dimensões da derrota – entre o perder e o ser derrotado

Há pelo menos meio século, estudiosos do esporte, principalmente da filosofia, têm dedicado seus estudos à compreensão dos impactos da competição em atletas, independentemente, dos níveis de especialização¹¹⁻¹⁴.

Implicados nessa discussão estão os efeitos da vitória e da derrota em quem compete, seja tanto na condição de quem ganha como na de quem perde. Ao ampliar o espectro dessa discussão pode-se observar os múltiplos efeitos desse fenômeno multifacetado, presente não apenas no esporte, mas em todas as atividades humanas nas quais se experimenta a competição. Ou seja, os efeitos dos resultados de uma disputa atingem de forma sistêmica todos os envolvidos na ação, seja de forma ativa, passiva, ou mesmo a quem é indiferente.

De maneira geral, para o torcedor apaixonado a derrota é unidimensional. Representa a sensação do objetivo inalcançado, a frustração pela perda do objeto de desejo. Para atletas e profissionais envolvidos com a preparação esportiva há diferentes formas de derrota, assim como para os esquiados há diferentes tonalidades de branco da neve, cada uma delas denotando uma particularidade da água convertida em gelo.

Diante disso, busco explicar a derrota em três categorias:

A derrota por falta de mérito: Parece paradoxal essa categoria, visto que todo e qualquer atleta, independentemente do nível de preparação, busca a vitória. Competir para participar ou competir para ganhar carregam questões morais que há muito mobilizam os estudiosos das questões éticas do esporte^{11,15,16}. Parte dessa discussão reside na máxima

O importante não é vencer, mas participar creditada a Pierre de Coubertin. Entretanto López¹⁷ afirma que esta frase foi proferida na catedral de Saint Paul pelo arcebispo da Pensilvânia, a quem coube o sermão das cerimônias fúnebres do primeiro presidente do Comitê Olímpico Internacional, Demetrius Vikelas. Adequada a uma ideia que agregava valor à participação da juventude em um evento que pouco ou nada significava para a sociedade da época, a frase foi adquirindo novos sentidos à medida que o esporte também se transformou e se projetou como um valor.

Mesmo durante a fase do amadorismo que prevaleceu até o final da década de 1970 a busca pela vitória foi o agente mobilizador de todos os atletas. Entretanto, há diferentes formas de se preparar para uma competição, principalmente para aquelas que carregam ganhos simbólicos e materiais como Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. Se a busca do limite do corpo e das próprias habilidades é o que separa o primeiro do segundo colocado em uma disputa, são os diferentes níveis de dedicação à tarefa que pode justificar a derrota para esse restrito grupo humano.

O reconhecimento da capacidade do adversário, do seu nível de habilidade e de sua preparação marcam o entendimento da derrota como algo previsível, justificável, quase natural. Ao assimilar essa categoria de derrota o atleta pode levar para os embates futuros os aprendizados daquela situação que se desdobraram na revisão da periodização de seu treinamento ou, simplesmente, quais as questões em sua preparação que estiveram equivocadas ou ausentes até então.

Em termos psicológicos, essa é uma derrota pedagógica, uma vez que dela se pode reorganizar as relações com o esporte e com a equipe com a qual se trabalha.

A derrota pelo mérito do adversário: Como são detalhes no processo de planejamento e preparação de um atleta que irá diferenciar os campeões dos demais competidores. Sejam eles de ordem técnica, emocional ou física os detalhes que envolvem uma preparação atlética são fruto da informação obtida a partir de inúmeros campos de conhecimento. A circulação do conhecimento sobre a teoria do treinamento esportivo, facilitada pelas ferramentas virtuais, permite o acesso a textos descritivos e analíticos, bem como a imagens de gestos técnicos, aproximando culturas esportivas. Outro fator determinante é o intercâmbio promovido pela facilidade no deslocamento físico, fato pouco comum no passado, quando a locomoção era restrita aos espaços físicos mais próximos.

Essa proximidade reduziu o impacto do chamado ‘fator surpresa’, ou seja, o desconhecimento de uma técnica ou gesto técnico desconhecido em relação ao adversário a ser enfrentado. Os enfrentamentos que ocorrem nessas circunstâncias podem ser entendidos como o ideal de competição. Respeitadas as regras do jogo, vence o melhor. Se a derrota não se coloca como um objetivo para atletas altamente competitivos, perder para um adversário mais bem preparado, com maior potencial físico, psicológico e técnico, ou simplesmente porque naquela competição teve as melhores condições de compreender a dinâmica do momento e reagir a ela, é possível dizer que essa é uma derrota própria do esporte. Ou de quem compete.

Atletas olímpicos relatam o caráter pedagógico de algumas competições vencidas por adversários superiores. Isso não significa banalizar os sentimentos que advêm de um evento adverso, desprezando a carga de frustração pela impossibilidade de se conquistar o resultado desejado. Vale afirmar sempre que nenhum atleta competitivo se prepara para o fracasso, entretanto, é possível aprender com um adversário que afirma a sua superioridade com a vitória^{18,19}.

A derrota para um adversário avaliado como superior pode levar a uma mudança de postura diante da carreira e dos objetivos estabelecidos a longo prazo. Há quem tome essa forma de derrota como um desafio a ser superado e se lance na busca do resultado considerado possível, porém inalcançado. Essa decisão implica na mobilização de recursos pessoais e sociais por envolver não apenas a si próprio na decisão, mas também a rede de apoio que dá a sustentação necessária à busca de novos objetivos.

A depender da fase da carreira em que o atleta se encontra, esse advento pode levar a uma reavaliação da vida de atleta, a resignificação de objetivos e até mesmo a preparação para a transição de carreira, caso o nível desejável pareça impossível de ser alcançado.

A derrota para o imponderável: embora o esporte seja pautado na disputa justa, mediada por regras universais, existem circunstâncias que subvertem a lógica racional desejada para coroar resultados competitivos. A objetividade do resultado esportivo por mérito pode sofrer interferência de elementos e interesses que escapam à lógica esportiva. Isso porque o esporte é um fenômeno humano, idealizado e organizado por humanos a quem ocorre ter paixões, ideologias e aspirações. Daí a importância e a necessidade da justiça, que deveria ser isenta nos seus julgamentos.

Encontra-se na história do esporte resultados que apontam que nem sempre vence o melhor. Isso quer dizer que o controle de uma competição não está somente na excelência do atleta, mas também no ambiente em que esta competição acontece.

Destaca-se entre esses fatores o uso do poder institucional para fazer com que as regras sejam cumpridas. E aqui reside uma espécie de derrota que está relacionada não com o resultado imediato da competição, mas com o processo que leva a ela. Podem ser listados aqui situações como o impedimento à convocação para as grandes competições, a escolha da arbitragem, o local ou mesmo a formação da estrutura da competição (chaves) que pode vir a deslocar um adversário mais ou menos competitivo nos embates ao longo do curso do certame. A questão mobilizadora desse tópico é a intencionalidade, ou seja, o uso deliberado do poder das instituições para interferir no processo natural da competição no qual resultaria na vitória do melhor, favorecendo antecipadamente algum atleta que represente os interesses em questão.

Atletas olímpicos brasileiros relatam a dificuldade em superar esse nível de interferência no processo competitivo e os impactos desse impedimento no curso de suas histórias de vida^{2,3,19}. Questões de ordem pessoal e política despontam aqui como as principais razões para a derrota que podem ser descritas como direta (interferência objetiva no resultado) ou indireta (situações que provocam um nível de abalo emocional que levam o atleta a perder o foco na competição). E, nesse ponto, é possível questionar a afirmação de que o esporte e a política não se misturam. Isso porque é evidente em algumas histórias de vida, como o posicionamento pessoal de atletas diante de questões de seu tempo interferiram diretamente em suas carreiras impedindo a vitória certa em competições.

Outro elemento no plano do imponderável está o papel da arbitragem. Se na atualidade o uso de recursos tecnológicos leva à minimização de erros cometidos por árbitros, mesmo assim sem impedi-los, no passado o fator humano levou à contestação de resultados duvidosos, permitindo que em alguns casos houvesse a alteração, mas não em outros. A derrota nesse caso carrega um sentimento de frustração diante da injustiça relacionada com a quebra da lógica esportiva, que é a busca da excelência.

O plano do imponderável guarda ainda uma cena contemporânea cada vez mais comum relacionada com a transferência da vitória em função de resultados positivos de

doping dos primeiros classificados. No passado os exames eram realizados antes das competições e os atletas eram premiados assim que terminavam as provas finais.

Com a multiplicação de substâncias proibidas os atletas passaram a ser submetidos a exames depois das provas e os resultados chegaram a retirar medalhas de campeões, como foi o caso de Ben Johnson nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. A discrepância entre o tempo de desenvolvimento das substâncias ergogênicas e a possibilidade de detecção dessas substâncias em atletas levou à uma extensão no prazo de guarda do material coletado para futuras análises. Essa prática tem levado à suspensão de resultados de anos anteriores, e a consequente devolução de medalhas, no caso daqueles que tenham alcançado o pódio.

Se por um lado a justiça é feita com os atletas que cumpriram as regras do jogo, por outro esses mesmos atletas amargam a injusta derrota ao longo de anos. Atualmente, as instituições esportivas têm buscado realizar cerimônias públicas para a entrega dessas premiações tardias, no sentido de reparar a perda do reconhecimento público perdido quando do final da competição. Ainda assim, o custo pessoal dessa derrota não pode ser dimensionado.

O atleta e o mito do herói

A jornada heroica, expressa nas narrativas míticas sob o encadeamento de etapas donde reincidem núcleos semânticos isomorfos, conforme longamente exposto por Campbell²⁰, encontra ressonância na trajetória de vida de atletas profissionais em contextos desde a partida para a aventura iniciática (feitos no esporte), até mesmo, nos exemplos mais vitoriosos, sua perpetuação pela inspiração evocada aos outros através da circulação dos cantos de seus feitos e história de vida^{2,21}. Estes atletas consagrados tiveram que, inevitavelmente, percorrer um caminho comum, geralmente impetrados pelas mais duras provações, tanto físicas quanto morais e realizaram feitos em um determinado momento que os elevaram em um nível diferenciado de seus semelhantes, tornando-se exemplo para os mais jovens e objeto de admiração para os mais velhos, alcançando assim a posição de ídolos nacionais ou internacionais.

Um dos principais elementos da identificação do atleta com o mito do herói pode ser creditado à capacidade e disposição de enfrentamento do perigo e do desconhecido, do destemor ao combate e da busca incessante dos objetivos propostos a esse ser

incomum²². A vivência do arquétipo do herói pelo atleta é experimentada em toda a sua potência nas muitas situações em que suas virtudes são provadas, nas demonstrações de força e coragem. E, não se pode negar, que é no alto do pódio, no momento da celebração de uma conquista que o rito afirma o mito, e o atleta se torna herói. Ao imaginário social, a celebração do herói pela comunidade, ao arquetípico, o rito do indivíduo em transcendência²³.

Fenômeno sociocultural de abrangência global - da transição dos séculos XIX e XX até o mundo contemporâneo - o esporte é terreno fértil para a manifestação de narrativas míticas consoantes à trajetória do atleta, principalmente quando sua base é consolidada pelo mito do herói. A relação entre o atleta e o mito do herói é multifacetada e multifatorial, mas sua base comum encontra um ser com habilidades raras - que podem ser de ordem técnica e(ou) moral -, e por isto se destaca entre sua comunidade e entre milhares. Ao imaginário coletivo, são a personificação do lema olímpico; mais altos, mais rápidos e mais fortes, são o protótipo de seres quase perfeitos. Entretanto, este *status* cobra ao atleta o preço de uma rotina rígida e, por vezes, monótona e solitária, conforme muitas vezes relatado pelos próprios atletas em um sem-número de registros de narrativas autobiográficas^{2,23-25}.

O esporte tem como principal protagonista, o atleta, suscita uma inevitável aproximação com o mito do herói por ser ele utilizado como referencial de projeção de alguém, que enfrentou as mais duras provas e os piores inimigos, por isso traz consigo a marca da vitória. No entanto, ainda que seus feitos sejam grandiosos e ganhem registro secular, a busca impetrada por esse ser tem um alto custo. Entretanto, os processos de construção narrativa e circulação deste conteúdo, parece perseguir no mundo contemporâneo o procedimento do corte ao território exclusivo do que é espetacular, do feito extraordinário.

Imagem frequentemente associada a seres de habilidades extraordinárias, capazes de superar intrepidamente todas as provações que o modelam a carne para chegar à vitória, os atletas, para alcançar o lugar luminoso no alto do pódio, enfrentam uma jornada rígida, repleta de provações e privações na maior parte do percurso. Entretanto, aos olhos do grande público muitas vezes reduzida aos privilégios e mordomias alcançados por uma minoria de super vencedores. A constituição e consolidação da carreira de um atleta não é oriunda exclusivamente das forças e dos comandos da esfera individual, ou seja, da ideia

do recebimento habilidoso pelo acaso ou destinação do divino, ou do desejo aparentemente simples, expresso na afirmação de uma vontade latente ou da determinação em perseguir objetivos.

Fora do raio de alcance das objetivas que capturam o herói ao pleno brilho, dos feitos extraordinários, destinado às vitórias espetaculares, encontramos aspectos de um cotidiano ordinário e subterrâneo em relação aos feitos cantados, de um sujeito submetido a uma rotina desgastante de treinos e jogos, não raras as vezes, envolvido por questões como a ausência de contato com a família, exposição exacerbada na mídia. Em diversos momentos Rubio^{2,26} apontou culminâncias dos processos de espetacularização do esporte. Dentre alguns destes, a condição na qual a produção midiática se utiliza da relação entre o atleta e o mito do herói, caracterizada pela construção exógena da figura do herói. Tal condição relega ao atleta a dimensão sombria, marcada pela impossibilidade de admitir – para si e para o público – suas fragilidades, angústias e incertezas, posto que ainda que uma figura mítica, esse herói contemporâneo não habita o Olimpo nem bebe da ambrosia com os deuses, mas estabelece relações afetivas e sofre com os transtornos que cercam a vida de um atleta que também é cidadão²⁴.

Tanto a figura do atleta quanto a condição e a qualidade dos feitos demonstrados, manifestam imagens diurnas relacionadas à estrutura heroica - a estrutura diurna da antropologia do imaginário de Gilbert Durand - gravitadas em torno da figura do guerreiro de força, armas, coragem e moral elevada²³. A condição espaço temporal de onde o jogo é desdobrado e desenrolado, ainda favorecem tais manifestações por uma sincronia com o tempo mítico, de característica cíclica (mesmo que uma partida ou um *set* seja cronometrado para que possa ser operacionalizado), onde seus atores por obter certo controle do tempo, podem morrer e renascer diversas vezes dentro deste espaço. Os feitos atléticos colocam em evidência os arquétipos de armas que substantificam a herói-atleta solar - a saber; o cetro e o gládio -, que será dramatizado via ‘antítese polêmica’ entre as luzes da vitória espetacular e as sombras do esquecimento¹.

As narrativas heroicas possuem como denominador comum os feitos de indivíduos que para superar situações limítrofes impostas no decorrer de seu percurso precisam operar nos perigosos limiares da mortalidade. Esta condição estrutural do roteiro heroico os posiciona em certa elevação por relacionamentos aos poderes dos deuses, mas

sem deixar esvaír seu caráter humano, pois, no trajeto da aventura, é um corpo capaz de padecer que é colocado às mais diversas provações.

Rubio², apoiando-se nas postulações de Jung sobre a possibilidade de influência do mito do herói na configuração de personalidade humana, aponta que os heróis são representações da psique total, capaz de erigir ao ego a força que lhe falta, desenvolvendo no indivíduo a consciência do ego – consciência referente às suas forças e fraquezas – condição essencial de sua preparação para as provações que enfrentará durante a jornada de estar vivo. De acordo com cada etapa ou provação desta jornada, o mito assumirá aspectos particulares que se aplicam a determinados patamares alcançados pelo indivíduo no desenvolvimento da sua consciência do ego. Neste sentido, a autora afirma que a figura do herói se transforma, refletindo cada etapa do desenvolvimento da personalidade humana.

A trajetória de atletas contemporâneos apresenta as muitas faces de heróis e heroínas que são imortalizados a partir de feitos incomuns no território das habilidades corporais.

O trajeto destes seres particularmente habilidosos, ou melhor, a trajetividade que os imprimiu à carne a marca de “Olímpico” – um ser de distinção entre os habitantes do mundo – revela, através dos mirantes do imaginário e da mitohermenêutica, um caminho “*trajetivo*” em espaços fronteiriços que se alternam entre a predominância da luminosidade e a sua progressiva extinção, anunciadora da ‘vida autônoma da noite’^{27,28}.

Fora do pódio, o herói noturno

Algumas modalidades esportivas consideradas individuais, porque apenas um atleta sobe ao pódio após a vitória, são de fato marcadas por estratégias coletivas que favorecem apenas um único competidor. O ciclismo é um exemplo da potência competitiva de um grupo competente, os gregários, em prol da vitória de um atleta escolhido para vencer^{23,25,29}.

Para Veloso²⁹ dentro da competição

[...]toda a tática é pautada em uma espécie de manipulação da resistência do vento, criando situações para a formação de vácuos aerodinâmicos que reduzem o desgaste do ciclista. Esse é o motivo pelo qual os ciclistas se agrupam em ‘pelotões’ durante as corridas, pois os atletas posicionados à frente, geralmente

gregários, se desgastam com ‘a cara no vento’, reduzindo a resistência do vento para os demais ciclistas e poupando a energia de seus líderes. Esse é um dos motivos pelos quais a unidade básica do ciclismo de estrada é coletiva, uma equipe (p. 219).

Os atletas que competem na condição de gregário entram na competição sabendo de antemão que não estarão entre os vitoriosos, contrariando a razão de ser do atleta competitivo. Eles entram em uma missão semelhante a um ritual de doação de sua potência aos objetivos de vitória de outro atleta, que é o líder da equipe.

Essa prática propõe ao atleta na condição de gregário um vertedouro de valores e representações imaginárias singulares, ainda que heroica, posto que a agonística pauta a competição, porém próximas às estruturas noturnas, conforme a teoria das estruturas antropológicas do imaginário propostas por Gilbert Durand²³.

A partir da hermenêutica sobre os atletas gregários do ciclismo Veloso²⁹ conclui que “[...] quando ao pódio, na celebração maior do vitorioso, a luz que encontra o herói forma à sombra os rostos de seus gregários (p. 232)”.

Conforme apresentado por Rubio, Veloso e Leão²⁴ elementos heroicos da trajetória esportiva são encontrados em narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros, que viveram ou vivem a dimensão do alto, para além do mito do herói solar, aquele estruturado no esquema da imagem diurna. No entanto, ao realizar uma análise mais profunda de sua estrutura simbólica com a entrada das teorias de Durand, os contrapontos e as relações dialéticas entre os esquemas de imagem por ele propostos começaram a aparecer¹.

Um desses contrapontos estaria alocado na estrutura da trajetória do herói, ao se levar em consideração o processo de estrutura nuclear do monomito proposto por Campbell³⁰, e posteriormente relacionado ao Atleta e o Mito do Herói, de Rubio^{2,21,26}. Pode ser analisado por meio da estrutura do arquétipo do herói solar, que compreende o esquema da imagem diurna em seu nobre ato de doação, em seu caminho para se tornar um herói, e ainda considerar sua morte metafórica dentro dos limites do jogo, que se alocam nas estruturas míticas e dramáticas do esquema das imagens noturnas. A repetição de dimensões míticas que sugerem a aventura singular e a previsão de que se encontrariam essas etapas verifica a necessidade de todos seguirem o caminho necessário para competir no mais alto nível de uma modalidade dentro de uma estrutura esportiva comum.

Embora a vitória seja a marca da busca do atleta do regime diurno de imagens, ela é uma condição vivida por poucos em alguns poucos momentos da carreira. A maioria expressiva dos atletas convive com a derrota e as sombras que se projetam sobre aqueles que não sobem no pódio. Seja pela falta da habilidade para tal, ou da oportunidade de protagonizar as ações que levam à vitória, a derrota pode ser percebida e entendida como a sombra social contemporânea³¹ ou como um desdobramento lógico de uma atividade que ilumina apenas os 3 primeiros colocados.

Ao mergulhar na dinâmica da história dos derrotados é possível acessar pontos de tensão e relação entre o esquema imagético diurno e noturno na cartografia do imaginário desses sujeitos. Esses pontos sugerem a expansão da relação entre o atleta e o mito do herói para além da interpretação ‘clássica’ do herói guerreiro do esquema diurno. Estudar o herói noturno é um desafio que se afasta do conforto das verdades absolutas, das certezas maniqueístas e das narrativas dualistas que operam de forma reduzida no âmbito de ações como distinguir e discriminar. A intenção de vencer é básica e as vitórias são o sistema de medição de suas ações.

No trajeto de um atleta profissional até alcançar a participação nos Jogos Olímpicos se deve conseguir identificar pontos culminantes de feitos habilidosos que os avalizaram as insígnias olímpicas. Espaço vigoroso de condensação e expressão de imagens que compartilham a estrutura heroica como fundação (Regime Diurno das imagens). É o momento da manifestação do guerreiro, da ação diarética de ascender em armas e se destacar naquilo em que é habilidoso. Na jornada heroica, a localização destes traz a reboque a semântica dos ritos de iniciação viabilizados, especialmente, pelo desejo deste herói em realizá-los. Ao nível da dinâmica figurativa de Gilbert Durand, localizo na iniciação heroica as ações de cisão deste ser ao que não mais pertence à esfera do comum. Feitos em jogos e competições que culminam em sua separação da média populacional.

O alvorecer desta potência é a marca indelével do caminho do ‘ser olímpico’. Marcas que passam por se diferenciar dos outros nos espaços de prática esportiva com desempenho acima da média dentro do jogo, com convocações para seleções regionais e nacionais e mesmo com conquistas de marcas e índices que mais tarde leva atletas à participação olímpica.

Referências

- 1 Durand G. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
- 2 Rubio K. O atleta e o mito do herói. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 3 Rubio K. Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006.
- 4 Boga M. Jogos Olímpicos na antiga Grécia e olimpismo moderno. Lisboa: Imprensa Lucas; 1964.
- 5 Caillé, A. The concept of fair play. Lausanne: IOC; 1994
- 6 Rubio K, Carvalho AL. Areté, fair play e movimento olímpico contemporâneo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2005;3(5):350-357.
- 7 Caldwell D. Sounds of the game: An interpersonal discourse analysis of 'on field' language in sports media. *Discourse, Context & Media*. 2020;(33):100363. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.dcm.2019.100363>.
- 8 Pisareva AG. Realization of "victory" and "defeat" frames in sports Internet discourse: problem of focusing. *Vestnik of Samara University. History, pedagogics, philology*. 2021;27(1):129–135.
- 9 Ramirez SQ. Metaphors of victory and defeat in sports headlines in English and Spanish. *Revista de Linguística y Lenguas aplicadas*. 2019; 14:141-151.
- 10 Yunus T. Defeat, loss, death, and sacrifice in sports. *Journal of the Philosophy of Sport*. 2015;42(3):409-423
- 11 Mcnamee M. Sport, virtues and vices: morality plays. London & New York: Routledge; 2008.
- 12 Dixon N. On sportsmanship and running up the score. *Journal of the Philosophy of Sport*. 1992;19:1-13.
- 13 Simon R. Fair play: The ethics of sport. Boulder, CO: Westview Press; 2010.
- 14 Russell JS. Competitive sport, moral development, and peace. In Torres CR (ed.). *The Bloomsbury companion to the philosophy of sport*. New York: A&C Black; 2014.
- 15 Loland Sigmund. Fair play in sport: A moral norm system. London: Routledge; 2013.
- 16 Mcnamee M. Sport, ethics and philosophy; context, history, prospects. *Sport, Ethics and Philosophy*. 2007;1(1):1-6.
- 17 Lopez AA. La aventura olímpica. Madrid: Campamones; 1992.
- 18 Rubio K. Heróis olímpicos brasileiros. São Paulo: Editora Zouk; 2004.
- 19 Rubio K. Atletas Olímpicos Brasileiros. São Paulo: SESI-SP Editora; 2015.
- 20 Campbell J. O herói das mil faces. São Paulo: Cultrix; 1989.
- 21 Rubio K. O imaginário heroico do atleta contemporâneo. In: Rubio K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017.
- 22 Almeida R. Alegria dionisiaca e prática esportiva. In Rubio K. (org.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017. p. 35-47.
- 23 Veloso RC. Vida e sacrifício do atleta Cesar Daniliczen. In Rubio K. (ed.). *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017. p. 89-100.
- 24 Rubio, K, Veloso RC, Leão L. Between solar and lunar hero: a cartographic study of Brazilian Olympic athletes in the social imaginary. *Im@go A J Soc Imag*. 2018;11:147-162.
- 25 Veloso RC. Trajetos entre alvoradas e crepúsculos: o atleta e as muitas faces do mito do herói. São Paulo: Laços; 2021.
- 26 Rubio K. Os Jogos Olímpicos como hierofania: rito e ritual, uma tradição, mais que um campeonato. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*. 2020(4):1-15.

27 Ferreira Santos M. *Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi*. São Paulo: Editora Zouk; 2004.

28 Ferreira Santos M. Espaços crepusculares: poesia, mitohermenêutica e educação da sensibilidade. *Revista @mbienteeducação*. 2008;1(1):1-9.

29 Veloso RC. A condição do gregário no ciclismo de estrada. Aspectos de uma prática competitiva singular no esporte contemporâneo. In: Rubio K (ed.). *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos; 2014. p. 219–232.

30 Campbell J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Atenas; 2014.

31 Rubio K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicol Soc*. 2006;18(1):86–91.